

# Educação sexual na escola: quebrando o tabu e respeitando a diversidade

Andressa Sobral Gonçalves<sup>1</sup>

Stéfane da Silva<sup>2</sup>

Joelsa Menezes Alvarenga<sup>3</sup>

Diego Reis de Santana<sup>4</sup>

André Luis Corrêa<sup>5</sup>

**Resumo:** O período da adolescência trata-se de uma fase repleta de mudanças. Em meio a essas mudanças habitam dúvidas e inseguranças. Por isso, a educação sexual é extremamente importante e deve ser tratada no ambiente escolar, pois permite esclarecer dúvidas e desmistificar tabus e mitos impostos pela sociedade. Diante disso, foi realizado um projeto em uma escola estadual de Buerarema – BA, envolvendo temas relacionados à Educação Sexual. Foram realizadas duas intervenções com duas turmas de primeiro ano do ensino médio, nos quais foram utilizados um jogo, roda de conversa, palestra e produção de cartazes. Os dados foram obtidos através de um questionário misto onde 90% dos alunos disseram que o projeto foi positivo e importante, pois muitos não tinham esse tipo de diálogo em suas casas. A aplicação desse projeto possibilitou uma discussão a respeito de diversos temas relacionados à ES, o que pôde proporcionar uma reflexão nos alunos, esclarecendo muitas dúvidas.

**Palavras chave:** Educação sexual, adolescência, ensino de Biologia

1 Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Santa Cruz, asgoncalves007@gmail.com;

2 Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Santa Cruz, stefane.silva0611@gmail.com;

3 Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Santa Cruz, joelsaalvarenga13@gmail.com;

4 Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Santa Cruz, diegomano87@hotmail.com;

5 Graduando do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual de Santa Cruz, alcorrea@uesc.br;

## Introdução

Pinto (1997) diz que a adolescência é a fase de transição entre a infância e a idade adulta, marcada por transformações fisiológicas, anatômicas, psicológicas e, também, sociais. Além disso, essas transformações incluem o exercício da sexualidade.

Segundo Figueiró (2006), trabalhar essa temática na escola ainda é um grande desafio, pois carrega muitos tabus e conceitos errôneos, devido à falta de diálogo acerca do assunto. A autora complementa que a Educação Sexual (ES) vem sendo reconhecida, pela maioria dos professores, como algo importante e necessário no processo formativo dos alunos. A ES é relevante no ambiente escolar pois, respalda-se no direito de os alunos receberem as informações sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual, assim como de expressar sentimentos, rever tabus, refletir e debater valores, sobretudo os ligados ao sexo. Portanto, o papel da educação sexual formal na escola ultrapassa o ensino de conteúdos de biologia e fisiologia da sexualidade (FIGUEIRÓ, 2009).

De acordo com uma pesquisa da Universidade de São Paulo (USP), do Programa de Sexualidade em 2016, publicada no jornal da USP, “há a necessidade de um maior investimento na educação sexual e em campanhas para divulgar o sexo seguro” (ABDO, 2017, online). Muitos pais acabam por não orientar corretamente seus filhos sobre o sexo, talvez por não terem tido uma educação sexual eficaz. Dessa forma, os pais não têm tanta facilidade para tratar, com os filhos, sobre práticas sexuais, deixando-os cada vez mais desorientados (ABDO, 2017, online). A pesquisa publicada mostrou ainda que jovens brasileiros iniciam suas atividades sexuais entre 13 e 17 anos de idade (ABDO, 2017, online). Segundo Altmann (2005, p. 7), “a educação sexual tem sido realizada nas escolas, predominantemente por professoras/es de Ciências, a partir do tema reprodução humana”. No conteúdo reprodução humana, trabalha-se o corpo humano, os órgãos e a função reprodutiva em ambos os sexos. Assim, foi mencionado que “ao desenvolver a educação sexual a partir do tema reprodução, é esta que acaba sendo enfatizada, quando é justamente a ocorrência dela entre adolescentes que diversas políticas educacionais querem evitar” (ALTMANN, 2005, p. 7).

A educação sexual deve ser abordada buscando apontar os aspectos sociais, biológicos e culturais, a fim de sensibilizar e informar os adolescentes sobre o sexo. Foucault (1997) aponta que:

[...] Falar sobre educação sexual, sobre o sexo das crianças, jovens e adolescentes, permite a eles um maior

conhecimento e esclarecimento acerca da responsabilidade particular de cada um. Fazer com que eles próprios entendam e falem sobre isso é formar adolescentes esclarecidos, responsáveis e preparados para os riscos e consequências de uma vida sexual ativa não segura. (FOUCAULT, 1997, p. 31).

A educação sexual permite que os jovens adquiram informações sobre sexo, sexualidade, corpo e gênero. Na adolescência o corpo sofre transformações e os indivíduos tendem a se adaptar a elas, perdendo os hábitos infantis e começando a viver uma rotina mais adulta. É nesse período, na maioria dos casos, que se inicia a vida sexual, em que o jovem precisa buscar informação e prevenção, para ter relações seguras (MAGNABOSCO; LORSCHIEDER, 2016). Quando se trata de corpo, deve-se levar em consideração que esse termo não se resume apenas aos aspectos físicos e biológicos, há inúmeros aspectos culturais e sociais que a ele são atribuídos, a fim de lhe dar variados significados (GOELLNER, 2008). Dentro das salas de aulas, na atualidade, há uma diversidade que está ligada a questões de gênero, raça, sexualidade e capacidades físicas. Ao trabalhar a Educação Sexual o professor(a) deve estar atento(a) a essas questões, discutindo os temas de maneira ampla, para que todos sejam incluídos.

O tema sexualidade foi escolhido devido à forte demanda da escola, sendo um enunciado de grande importância para a sociedade, principalmente para adolescentes que estão tendo as primeiras experiências na vida sexual. Dessa maneira, o objetivo deste trabalho foi promover discussões que possam esclarecer estudantes adolescentes sobre os riscos e consequências do sexo sem segurança, além de tratar sobre respeito e responsabilidade afetiva em 2 turmas de 1º ano do Ensino Médio de um Colégio do município de Buerarema- BA.

## **O ensino de Biologia, a abordagem e a importância da Educação Sexual**

Trabalhar educação sexual na escola é de extrema importância, pois é necessário que os professores falem abertamente com seus alunos sobre questões que envolvam a sexualidade. A gravidez na adolescência, por exemplo, vem se tornando um problema de saúde pública no Brasil e em diversos países, segundo o Ministério da Saúde (MS) (BRASIL, 2015). Mas, ainda que dados levantados por meio de consulta ao Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC, 2015) e divulgados pelo MS, mostrem que a taxa

de adolescentes grávidas no Brasil caiu 17% entre os anos de 2004 a 2015, ainda são altas as taxas brasileiras e apontam diferenças em relação ao contexto social. Isso porque segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a gravidez na adolescência está diretamente ligada a classes sociais de baixa renda, que sofrem principalmente de desinformação acerca dos métodos contraceptivos, conflitos e mau ambiente familiar (BRASIL, 2014).

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) também são outro fator recorrente, muitos jovens que começam a sua vida sexual sem conhecimento ou responsabilidade, acabam adquirindo alguma IST e só descobrem quando os sintomas já estão avançados. Por esse motivo as escolas trabalham essa temática que segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aparece como um tema transversal. "Ações relacionadas a prevenção dessas infecções, quando implementadas de maneira coerente e ajustada para cada comunidade ou escola, tornam-se medidas importantes para conter a propagação destas" (GALVÃO; FERREIRA; ALENCAR, 2003, p.37).

Apesar de ser um tema transversal que deveria ser trabalhado por várias disciplinas dentro do currículo escolar, a intervenção ocorreu durante as aulas de Biologia. Segundo Webera (1998), a Biologia é considerada privilegiada para o conhecimento da sexualidade, pois os estudos no campo da genética, fisiologia, endocrinologia e da embriologia servem de base para os modelos biológicos de explicação da sexualidade humana.

A aplicação do respectivo trabalho, proporcionou conhecimentos aos futuros docentes que elaboraram e desenvolveram as atividades, gerou um planejamento que visasse a participação de todos os alunos. De acordo com Machado *et al.* (2007), trabalhar educação e saúde auxilia no pensamento crítico e reflexivo, pois desvela a realidade e auxilia o sujeito a cuidar de si e até conscientizar outras pessoas do seu convívio.

## Metodologia

Este relato foi produzido baseando-se em metodologia qualitativa. A finalidade desta intervenção foi promover discussões acerca da Educação Sexual e, buscando a sensibilização relacionada ao uso de camisinha e demais métodos contraceptivos, além de promover debates com outras vertentes relacionadas a ES, como a responsabilidade afetiva e os riscos de um aborto clandestino, em duas turmas de 1º ano do ensino médio.

O trabalho foi desenvolvido a partir de duas intervenções. Na primeira, foi realizada a apresentação tanto da proposta quanto do grupo, para, em seguida, ser realizada uma roda de conversa sobre o tema Educação Sexual

na Escola. Durante a roda de conversa houve um jogo de “mito e verdade”, no qual foram levadas perguntas provocativas como, por exemplo, “Pessoas com Síndrome de Down têm a sexualidade mais aflorada”? “Mulheres negras são mais fogosas”? “Existe uma idade adequada para iniciar a vida sexual”? As perguntas foram escolhidas propositalmente com intuito de analisar a visão dos alunos acerca de determinados mitos que estão presentes na sociedade contemporânea como, por exemplo, da mulher negra, que é tão estereotipada e ainda é vista por muitos como um objeto sexual, especialmente em determinadas propagandas exibidas pela mídia.

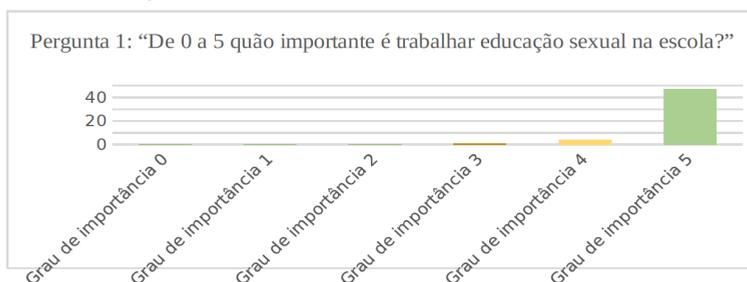
Foi sinalizado que no fim do encontro seria passada uma caixa de perguntas e os alunos poderiam escrever suas dúvidas e colocar nela. As perguntas eram anônimas para evitar a exposição dos estudantes. Na segunda parte do primeiro encontro abordou-se sobre os temas puberdade e mudanças que ocorrem no corpo dos jovens. Houve em seguida uma explicação sobre o ciclo menstrual e sobre a responsabilidade afetiva. Depois tivemos uma conversa sobre o tema gravidez na adolescência, os seus riscos e os perigos que as jovens correm ao realizar um aborto clandestino.

Na segunda intervenção foram abordados os temas Métodos Contraceptivos e Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST, sob a forma de palestras. Houve também demonstração de exemplares de contraceptivos, como a camisinha masculina e a pílula anticoncepcional. Ao final deste encontro, realizou-se uma retrospectiva de todas as discussões realizadas. Em seguida eles responderam um questionário misto, com perguntas relacionadas com a aplicação e desempenho do trabalho.

## Resultados e discussão

Os gráficos abaixo mostram os resultados obtidos através do questionário aplicado com os alunos.

**Figura 01:** Resultado do questionário aplicado



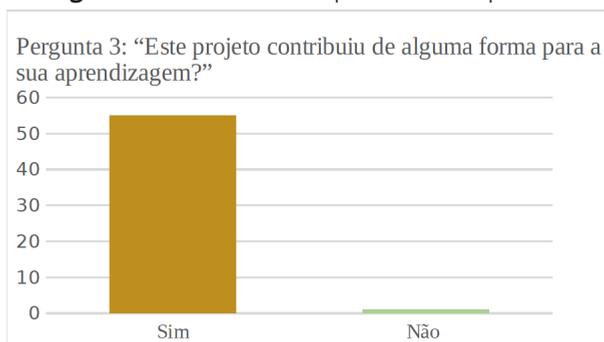
O questionário teve papel fundamental na aplicação deste trabalho, visto que a partir dele pudemos analisar atentamente os dados obtidos através das respostas dos alunos. Na pergunta 1 pode-se observar que 84% dos alunos responderam que é muito importante trabalhar educação sexual na escola, o que corrobora com as ideias de Figueiró citada anteriormente, de que a ES é relevante no ambiente escolar pois, respalda-se no direito de os alunos receberem as informações sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual. A participação dos alunos nas discussões trabalhadas foi significativa.

**Figura 02:** Resultado do questionário aplicado



Na pergunta 2, 30% dos alunos afirmam não ter diálogo sobre sexualidade com os pais e 32% afirmam ter pouco diálogo. A falta de diálogo com pais e responsáveis sobre educação sexual acaba acarretando várias consequências na vida do adolescente, como busca por informações em fontes não seguras. Diante disso é de extrema importância que a escola possa suprir essa carência de informações com seriedade e respeito. As respostas reforçam a afirmação de ABDO (2017) citado anteriormente, que muitos pais acabam não orientando corretamente seus filhos, deixando-os cada vez mais desorientados. Isto confirma o quão importante e necessário é trabalhar Educação Sexual na escola.

**Figura 03:** Resultado do questionário aplicado



Na pergunta 3, observamos que 98% dos alunos disseram que o projeto contribuiu de alguma forma com sua aprendizagem. Muitas dúvidas foram esclarecidas, bem como a desconstrução de tabus e mitos enraizados pela sociedade, com este projeto. Sendo extremamente importante para a construção cognitiva, pessoal, social e cultural destes alunos.

**Figura 04:** Resultado do questionário aplicado



E por fim, na pergunta 4, 94% dos alunos afirmaram que os temas abordados foram totalmente esclarecidos.

Vale ressaltar que no fim do segundo encontro fizemos uma ação motivacional que consistiu em escrevermos e pedir aos alunos para escreverem também cartazes e *post-it* com frases motivacionais de autoestima e valorização da mulher, que foram colados no banheiro feminino da escola e nos murais. Exemplos de frases utilizadas foram: “Você é importante”, “Cuide-se”, “Seja seu próprio padrão de beleza”. A fim de melhorar a autoestima das alunas e incentivá-las a se protegerem nesse processo de iniciação da vida sexual, à medida que muitas adolescentes se sentem inseguras nesse período da vida, algumas até um pouco fragilizadas, precisando de incentivo, respeito e aceitação de si mesmas, seja com o corpo, cabelo ou personalidade.

## Considerações finais

Levando em consideração esse cenário, o projeto contribuiu de diversas maneiras para a nossa formação. Primeiro, durante a sua elaboração, após a escolha do tema tivemos como desafio pensar em maneiras para abordar esses temas que, até hoje, ainda são tabus. Depois na aplicação percebemos que atualmente, mesmo estando em meio às tecnologias e diversas informações de fácil acesso, muitos jovens ainda apresentam dúvidas

relacionadas ao funcionamento fisiológico do seu corpo e as implicações na fase da puberdade.

Foi possível, por meio de rodas de conversa, contextualizar historicamente a Educação Sexual no âmbito escolar; orientar sobre os riscos acerca da gravidez na adolescência e sobre as ISTs, além de ressaltar a importância dos métodos contraceptivos, especialmente a camisinha, que tem como objetivo proteger de ambas situações. Dentro das temáticas, foram levantadas situações que são cercadas de mitos e tabus como, por exemplo, a “sexualidade aflorada” que é um rótulo imposto as pessoas com Síndrome de Down, a vida sexual de pessoas com alguma deficiência, que na maioria das vezes são situações ignoradas pela sociedade.

Outro fator positivo foi a discussão e a desconstrução a respeito de conceitos machistas que perduram na sociedade, juntamente com o alerta sobre a responsabilidade afetiva, que é escassa especialmente nessa fase de adolescência.

Os alunos que participaram do projeto, responderam um breve questionário e cerca de 90% disseram que o projeto foi positivo e importante, pois eles possuíam muitas dúvidas e não tinham esse tipo de diálogo em suas casas com seus pais ou responsáveis.

## Referências

ABDO, C. Adolescentes iniciam vida sexual cada vez mais cedo. *Jornal da USP*, online 2017. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/adolescentes-iniciam-vida-sexual-cada-vez-mais-cedo/>> Acesso em: Julho de 2019

ALENCAR, R.A; et al. Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes. **Ciência & Educação**, v. 14, n. 1, p. 159-168, 2008.

ALTMAN, H; MARTINS, C. **Educação Sexual: ética, liberdade e autonomia**. Educar, Curitiba. 35, p. 63-80, 2009, Editora UFPR.

ALTMAN, H; MARTINS, C. **Verdades e pedagogia na educação sexual em escola**. Tese (Doutorado) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, departamento de Educação.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de controle das doenças sexualmente transmissíveis**. Brasília, 1998a.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. **Revista Linhas**, 7(1), online 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323>> Acesso em: julho de 2019.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum**. Londrina: UEL, 2009.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber**. 12. ed. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

GALVÃO, M. T. G.; FERREIRA, M. L. S. M.; ALENCAR, R. A. Sexualidade e conhecimento das doenças sexualmente transmissíveis e Aids entre adultos em um município do interior do nordeste brasileiro. **Jornal Brasileiro de DST**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 37-40, 2003.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

HERCOWITZ, A. Gravidez na adolescência. **Pediatria moderna**, São Paulo, v. 38, n. 8, p. 392-395, 2002.

MAGNABOSCO, L; LORSCHIEDER, C.A. **A prevenção da gravidez aliada ao ensino de biologia no ensino médio**. Paraná: PDE, 2016

PINTO, H. D. S. **A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar**. In: AQUINO, J. G. Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997. p. 43-51.

SAÚDE.GOV. **Saúde sexual e saúde reprodutiva**. Disponível em [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicações/saúde\\_sexual\\_saúde\\_reprodutiva.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicações/saúde_sexual_saúde_reprodutiva.pdf). Acesso em novembro de 2018.

SBDST. Sociedade Brasileira de Doenças Sexualmente Transmissíveis. **Doenças**. Disponível em: <<http://dstbrasil.org.br/jornal-sbdst/>> Acesso em: julho de 2019.

WEBERA, M.J.G. **Sexualidade, Política e Educação**. Campinas: São Paulo, Autores Associados, 1998.